



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **A LEI 11.645/08 E O ENSINO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM PERSPECTIVA: CUTI E SUA POÉTICA DO CONFRONTO**

Rosangela Sarteschi  
Universidade de São Paulo  
rosecpq@usp.br

*O que os livros escondem  
As palavras ditas libertam*

*Conceição Evaristo*

A promulgação da Lei 11.645/08 – alterando texto anterior, Lei 10.639/03 – foi, com todas as eventuais limitações que possamos apontar, um importante passo para garantir igual direito de acesso às histórias e culturas que compõem a sociedade brasileira e às diferentes fontes da cultura nacional ao determinar a obrigatoriedade do ensino de história e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nos estabelecimentos oficiais e particulares de ensino, efetivando demandas históricas dos movimentos negros organizados.

O parágrafo 1º do Artigo 26 A afirma que o

conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Todos esses e outros dispositivos legais aliados às propostas da sociedade civil têm por objetivo estabelecer diretrizes que orientem não apenas a formulação de projetos empenhados na valorização dessas contribuições, mas também no redimensionamento das relações étnico-raciais que tais conteúdos devem suscitar.

Para Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, relatora do parecer CNE 004/2003 elaborado no processo de discussão e implementação da Lei 10.639/03, é preciso ter clareza que as mudanças devem provocar bem mais do que a mera inclusão de novos conteúdos; elas evidenciam que as relações sociais e pedagógicas bem como os procedimentos de ensino, as condições oferecidas para aprendizagem e o delineamento dos objetivos da educação sejam profundamente repensados.

Assim sendo, prossegue a relatora, todo o conjunto de novos procedimentos é que possibilitam um projeto de escola e de educação que forme



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

cidadãos atuantes no seio de uma sociedade de indiscutível caráter multiétnico e pluricultural como a brasileira.

Nessa perspectiva é que a inclusão da literatura negra brasileira nos estudos literários do ensino básico leva obrigatoriamente a um descentramento do enfoque do sistema literário nacional, incluindo-se novas escrituras e novas vozes com todas as implicações que envolvem essa mudança, desde a necessidade de conceituar o termo “literatura negra”.

Como sabemos, o conceito “literatura negra” é ainda bastante polêmico, pois o fato de justapor um adjetivo à palavra literatura será sempre problemático, na medida em que um qualificativo acaba, sem dúvida, por circunscrever a amplitude do termo.

É nesse sentido que, para alguns estudiosos, o uso de expressões como “literatura negra”, “literatura afro-brasileira”, ou ainda, “literatura afro-descendente brasileira” revela posturas particularizadoras, que aprisionam e rotulam toda uma produção literária. Domício Proença Filho, reconhecido pesquisador, professor e poeta, autor de *Dionísio Esfacelado*, um clássico da poesia negra, entende que o termo literatura negra acaba por manter a discriminação em lugar de combatê-la, lembrando que, apesar de estar vinculado a movimentos reivindicatórios de afirmação do negro, fator decisivo na luta pelo fim das práticas históricas do preconceito racial, essa designação corre o risco de reproduzir estereótipos, fazendo o jogo do preconceito velado.

Por outro lado, há pesquisadores que entendem que essas expressões permitem, no entanto, ressaltar posicionamentos ideológicos escamoteados pela generalização do termo literatura, principalmente quando se referem a uma faixa social que, historicamente, combate a exclusão imposta pelas elites brasileiras.

Nessa linha de entendimento, Zilá Bernd considera a existência de uma literatura negra, que se diferencia daquela literatura que apenas tematiza o negro, pelo surgimento de um “eu enunciador” que se quer negro, assumindo posicionamentos políticos e ideológicos.

Neste sentido, continua a ensaísta, o único critério possível para conceituar uma escritura negra seria o critério discursivo: a emergência do “eu enunciador” que se quer negro é o elemento-chave que singulariza essas obras. O



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

surgimento de um emissor que assume sua condição de negro constituir-se-á no marco divisório entre um discurso sobre o negro, de alguma maneira presente na literatura brasileira, e um discurso do negro, que traria em sua gênese a marca de reinvenção da representação convencional construída ao longo do tempo.

Eduardo de Assis Duarte amplia essa noção ao afirmar que a especificidade da literatura negra em contraposição ao conjunto da literatura brasileira funda-se sobre quatro aspectos, a saber: i) a temática, que compreenderia a incorporação da experiência do negro ao texto literário, ii) autoria, o negro surge como sujeito de sua enunciação, colocando sua maneira de ver, sentir e entender o mundo, iii) ponto de vista em que se percebe a adesão à história e tradição negras e, finalmente, iv) linguagem que estaria baseada numa discursividade específica, atravessada por marcas que remetem a heranças lingüístico-culturais africanas.

Outro aspecto instigante nesse debate é levantado por Luiz Silva (Cuti), em seu livro *Literatura Negro-Brasileira*, e ainda que extrapole os limites desta comunicação, merece o registro: o poeta e ensaísta paulista defende sua opção, que é estética, política e ideológica, pelo termo “literatura negra” em contrapartida à denominação “afro-brasileira” ou “afro-descendente”, por entender que esses termos acabam por escamotear a questão negra, que ficaria, assim, diluída na diversidade subjacente ao prefixo “afro”.

Otavio Ianni (1999, p. 91), analisando o conceito no âmbito do sistema literário brasileiro, afirma que:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.

Nessa linha de entendimento, pensamos ser oportuno e proveitoso salientar que a literatura negra brasileira não pode ser compreendida como um projeto que se constitua fora do contexto da literatura canônica nacional, que, por sua vez, requer, evidentemente, outra forma de problematização, devendo ser enfocada como um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sistema plural e heterogêneo engendrado dialeticamente a partir de fragmentos que o compõem em movimentos de afirmações, rupturas e ressignificações.

Desta forma, entendemos que o discurso da literatura negra é o discurso da identidade, o discurso que almeja precipuamente a desconstrução e reconstrução identitárias dentro desse sistema de significações, colocando como ponto fulcral o equacionamento da noção de identidade nacional homogênea e uniforme. Cabe ainda salientar que a importância da emergência do “eu enunciador” que se quer negro, como destaca Zilá Bernd, não está apenas no fato de assinalar uma ruptura com o discurso social que negava os negros, mas também por marcar, de maneira categórica, a tentativa de compreender o que significa ser negro no Brasil pelo resgate de uma história e tradição há muito ocultadas.

Nesse processo, devemos destacar o papel capital assumido pela chamada imprensa negra brasileira no início do século XX: surgem jornais e associações em que negros e descendentes organizam-se para produzir material com o propósito não apenas de combater o preconceito racial, mas, sobretudo, de promover a afirmação social e cultural do negro brasileiro, que encontra finalmente um instrumento eficiente de veiculação de seus interesses e inquietações. Entre outros, merecem destaque *O Menelick, que circulou entre 1915 e 1916*, *O Clarim da Alvorada*, de 1924 a 1932 e *A Voz da Raça*, entre 1933 e 1937.

No âmbito acadêmico, a primeira grande contribuição vem de Roger Bastide, com a obra *Estudos Afro-Brasileiros*, que reúne artigos escritos ao longo dos anos de 1940 e 50. Trabalhos de outros pesquisadores estrangeiros conhecidos por seus estudos brasilianistas, como Raymond Sayers (*O Negro na Literatura Brasileira*, 1958) e Gregory Rabassa (*O Negro na Ficção Brasileira*, 1965) trazem para o centro do debate a questão racial na produção literária brasileira canônica.

A esses nomes seguiram-se, entre outros, os brasileiros Clovis Moura, e Oswaldo de Camargo com estudos que focalizam a história da textualidade no Brasil, procurando identificar na produção literária de autores negros brasileiros marcas da herança sociocultural africana.

Nas décadas de 1950 e 60, com a geração dos poetas Solano Trindade, Oswaldo de Camargo e Eduardo de Oliveira, temos o início de uma fase em que os próprios autores reivindicam a denominação “literatura negra” para sua produção. São



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

autores fortemente marcados pelas proposições de movimentos como o *Renascimento Negro*, que se desenvolveu nos Estados Unidos entre as décadas de 1920 e 40, e o *Negrismo cubano*. Outra referência significativa é o movimento da *Negritude*, surgido em Paris na década de 1930, como resultado do encontro de estudantes negros das Antilhas e da África – entre eles Nicolás Guillén, Aimé Césaire e Léopold Senghor – muitos dos quais acabariam produzindo grandes obras da literatura negra de língua francesa, marcadas pela busca de uma identidade negra africana e pelo protesto contra a ordem colonial.

Esses movimentos encontram eco na já referida imprensa negra brasileira: o jornal *Quilombo* (10 números entre 1948-1950), dirigido por Abdias do Nascimento, publica textos de intelectuais atuantes das mais diversas procedências, mantendo vivo diálogo com os negros do Caribe, dos Estados Unidos, da França e da África.

A partir dos anos 1980, com a problematização do sistema canônico vigente, os estudos literários passam a operar conceitos de identidade, dos binarismos centro e periferia, discursos coloniais e pós-coloniais, dominação e marginalidade, poder e subalternidade. Nesse contexto, a discussão acerca da literatura negra ganha novo impulso no Brasil com o aparecimento de diversos estudos em que essas expressões passam a circular com maior intensidade como prática de um recentramento estético e cultural do negro brasileiro, indicando que cânone e dominação são conceitos indissociáveis.

Estudos de Homi Bhabha e Edward Said, entre outros, buscam trazer ao centro das discussões as vozes das culturas e dos segmentos sociais periféricos, incluindo-se aí todas as minorias raciais, as mulheres e os homossexuais. Essa busca de “descentramento” tem por objetivo colocar questões tão complexas e variadas como representação, sentido, valor, cânone, universalidade, diferença, hibridismo, etnicidade, identidade, diáspora, nacionalismo, zona de contato, educação, feminismo, história, homossexualismo, constituindo-se em uma “poética da cultura”, expressão de Ana Mafalda Leite, pesquisadora moçambicana.

Ao constatarmos que a historiografia literária brasileira silencia vozes e escrituras de sujeitos quase sempre pertencentes às margens da sociedade, percebemos como o cânone brasileiro é instituído como um instrumento de repressão e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

discriminação que serve a interesses de uma elite dominante, cuja ideologia caracteriza-se por fortes contornos etnocêntricos baseados no patriarcado e no racismo. A literatura negra aparece assim como uma forma de questionamento das operações canônicas, reivindicando a revisão e abertura do cânone a textos representativos de experiências e saberes tradicionalmente excluídos, apontando, assim, para a reorganização de construções simbólicas no âmbito da cultura e do sistema literário brasileiros.

Nessa perspectiva, questionar um sistema de valores instituído por grupos detentores de um poder cultural legitimadores de um repertório, que visa a excluir uma produção cultural oriunda de grupos minoritários (quando se pensa nos centros hegemônicos) ou de cultura oriunda de países que passaram pelo processo de colonização é, portanto, discutir o cânone.

Dessa maneira, cabe-nos, então, referir aos estudos de pesquisadores brasileiros, como Zilá Bernd, professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Maria Nazareth Soares Fonseca, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Eduardo de Assis Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais, que vêm trabalhando incansavelmente no âmbito da academia para a constituição de um corpo teórico sobre a produção literária produzida pelo negro, dando-lhe relevo e visibilidade.

No tocante à problematização e circulação dessa produção, destacam-se, também, os *Cadernos Negros*, coletânea publicada pelo Movimento Quilombhoje, de São Paulo, a partir de 1978, com o objetivo de apresentar o escritor negro consciente de seu papel transformador junto à sociedade brasileira, procurando trabalhar a relação entre literatura, ideologia e política.

A publicação tem o objetivo de desconstruir a tradição literária brasileira que exclui a produção da população negra: os autores que aderiram ao projeto demonstram também interesse em refletir sobre o lugar ocupado pela literatura produzida por eles no cenário da literatura nacional.

Nesse sentido, ficcionistas e poetas como Joel Rufino dos Santos, Oswaldo de Camargo, Luiz Silva (Cutí), Conceição Evaristo, Míriam Alves, Edmilson Pereira, entre outros, também produzem textos teóricos em que apresentam reflexões acerca do papel da literatura negra brasileira no resgate da história e da cultura do negro e de aspectos da tradição histórico-cultural de origem africana no Brasil.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Nos *Cadernos Negros 7*, Cuti afirma que “a literatura negra não é só uma questão de pele, é uma questão de mergulhar em determinados sentimentos de nacionalidade, enraizados na própria história do africano no Brasil e sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado.”

Para Márcio Barbosa, a especificidade da literatura negra brasileira recai sobre o fato de ser elaborada a partir da perspectiva do dominado e do oprimido.

O mesmo Márcio Barbosa juntamente com Esmeralda Ribeiro, na apresentação dos *Cadernos Negros 25*, destacam que a diferença dos poemas afro-brasileiros é a sua capacidade de dar visibilidade às marcas culturais e existenciais que identificam os descendentes de africanos no Brasil.

Como podemos ver, ao longo da existência dos *Cadernos Negros*, surgiram diferenciadas concepções de escritores pertencentes ao movimento acerca de expressões como “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira”, retomando questões abordadas pelo movimento da Negritude. Importam-se também com outros temas, tais como a produção, circulação e recepção de seus textos e a respectiva marginalidade dessa produção.

Se os escritores ligados aos *Cadernos Negros* têm um inquestionável compromisso ideológico, em que o centro de interesse é o homem negro e suas relações com e na sociedade, como sujeito da história e do devir, não desprezam, por outro lado, “o trabalho de intervenção criativa do código lingüístico”, como afirma Florentina Souza (2006, 114). Ao demonstrar preocupação estética com o fazer literário, rompem com antigas e consagradas estruturas e, sobretudo, rompem com as ideologias conservadoras vigentes, criando, assim, condições para o surgimento de uma arte complexa em sua forma (em que a desestruturação textual é apenas um exemplo) e conteúdo (problematização dialética da realidade).

Nesse sentido, a leitura e o estudo de textos que compõem a literatura negra brasileira assumem uma função político-ideológica, que têm por objetivo legitimar a pluralidade cultural de nosso país. Como sugere Paulo Freire (1990, 146), a competência leitora implica um saber-poder como resistência, estratégia, confronto, produção de verdade que, no caso da relação professor/aluno, não pode ser reduzida ao treinamento puramente mecânico das habilidades ler/escrever nem se esbarram nas lições gramaticais, mas se alonga na leitura até a discursividade. Um projeto de leitura



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

desse porte implica assumir-se como cidadão, exige um poder-saber político gestado na prática de por ela lutar a que se junta a prática de sobre ela refletir.

Ao aluno deve ser dada a oportunidade de conhecer textos que problematizam significados historicamente colocados. Esse descentramento garante, desta forma, a pluralidade e diversidade na elaboração simbólica do mundo, refletindo postura ideológica, pois como nos lembra Enio Orlandi (1998, p. 13):

não existe discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. É da remissão do discurso à formação discursiva e da delimitação desta pela sua relação com a formação ideológica que qualquer prática de linguagem adquire sentido. Os sentidos e o sujeito se constituem ao mesmo tempo no interior de uma formação discursiva no confronto entre as diferentes formações. Esta relação constitui a historicidade do sujeito e dos sentidos.

Como vemos, o sentido nunca está sozinho, não se produz de uma vez, em um só lugar e não é linear: o sentido se faz sentido nas relações que estabelece. Nesse aspecto, ler é interpretar, é produzir sentidos relacionados com outros sentidos e é na materialidade da língua que se engendra esse processo de contínua significação.

O ato de ler pode ser compreendido, então, como uma prática social, algo que se inscreve na dimensão simbólica das atividades humanas. Ao produzir leitura, o sujeito se engaja automaticamente na dinâmica do processo histórico-social de produção de sentidos.

Desta forma, a obra de Luiz Silva (Cuti), poeta, contista e também ensaísta, concilia trabalho ético e estético de desconstrução e reconstrução de sentidos, propondo ruptura radical com os valores preconizados por uma sociedade da qual o negro é sistematicamente apartado. De sua escrita, pulsa a postura militante que não faz concessões; a visão político-ideológica que dali emana coaduna-se perfeitamente com uma escrita dilacerada em que a qualidade artística evidencia-se.

O poema “Ela”, que aparece em seu segundo livro – *Batuque de Tocaia*, de 1982 (edição do autor), é exemplo paradigmático e, segundo entendemos, é um texto que permite levantar essas e outras questões imprescindíveis para a formação literária de nossos jovens estudantes:

*ELA*

A minha poesia  
Sou eu que me desnudo  
me descobro



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sou eu que me acho  
e me cato  
nos cantos escondidos  
do sorriso  
agachado

a minha poesia  
sou eu rio que deságua  
nos teus olhos parados

sou eu vento no moinho  
do meu grito entalado

a minha poesia  
sou eu-fome-de-muitos,  
punhos punhais  
sombras fatais  
e a esperança do mundo  
no sangue vivo  
das palavras

a minha poesia  
sou eu-pó  
sendo pulverizado  
sou eu-só  
desatando o nó  
que nos prende no descuido  
e nos vítima no racismo astuto

a minha poesia  
um susto que pula no pescoço  
e procura  
agarra esse medo  
esse medo que nos espreita na lapela do riso

a minha poesia  
é soul  
tem ódio  
e amor  
e vem dizer revendo  
que o ressentimento  
é sinal de cura  
contra todo o tempo  
de cara falsa  
da raça pura

a minha poesia  
é som  
é sã



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

é-sou

é soul

é sam

ba

tendo no couro branco do papel

### Comentário:

Poema elaborado em versos livres, seguindo a tradição moderna de desonorização, em que se constata uma diminuição radical “dos efeitos sonoros regulares, ostensivos e evidentes” (Candido, 2006, p. 66), caracterizando-se pela busca de uma sonoridade peculiar, de caráter prosaico em que a regularidade rítmica é delineada majoritariamente por viés diverso das homofonias finais da rima clássica.

O ritmo será, assim, marcado por:

1. Anáforas:

a) “a minha poesia” inicia as estrofes 1, 3, 5, 6, 7, 8 e 9, sendo que o verso inicial “*a minha poesia*” liga-se ao sintagma “sou eu” nas estrofes 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

b) na estrofe final:

a minha poesia

é som

é sã

é-sou

é soul

é sam

ba

tendo no couro branco do papel

Note-se, ainda, nessa estrofe, que os versos “é som / é sã / é-sou / é soul” são construídos fincados na tonicidade dos monossílabos; a aliteração e assonância dos sons fricativos sibilantes e nasais surgem em oposição aos sons incisivos das oclusivas /k/ /t/ /b/ /p/ que fecham o poema.

2. ausência de pontuação (exceto o ponto final) e maiúsculas.

3. paralelismo nas estruturas “me desnudo/me descubro” (versos 2 e 3), contribuindo para a simetria e regularidade harmônica.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

4. assonâncias e nasalizações que permeiam todo o poema contrapondo-se às aliterações, especialmente das oclusivas e fricativas:

acho, çato, agachado (tônicas) – 2ª estrofe  
eu / teu e deságuo e parados (tônicas) – 3ª estrofe

(...)

a minha poesia  
sou eu-fome-de-muitos,  
punhos punhais  
sombras fatais  
e a esperança do mundo  
no sangue vivo

(...)

a minha poesia  
um susto que pula no pescoço  
e procura  
agarra esse medo  
esse medo que nos espreita na lapela do riso

(...)

é sam

ba

tendo no couro branco do papel

5. rimas:

punhos punhais  
sombras fatais

### Interpretação

O poema organiza-se em primeira pessoa e, expressamente, engendra uma busca: o desejo por uma definição de poesia. Não é a busca por um conceito *in abstracto*, mas sua forma concreta e tangível: a poesia do eu lírico que se anuncia já no primeiro verso: *a minha poesia / sou eu*

Podemos dizer, então, que essa busca de significação e sentido parte de um movimento – progressivo e pendular – que se estabelece a partir do aparente afastamento entre o eu lírico (eu) e a poesia (ela), aproxima-se – “a minha poesia sou eu” – para novamente se afastar – “a minha poesia / um susto que pula no pescoço” – e, finalmente, para transfigurar-se em um só corpo, que se constrói no e a partir do espaço branco em sua dimensão literal e metafórica.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Poesia e poeta projetam-se especularmente, compartilhando articulações em que as experiências vivenciadas pelo indivíduo são dialeticamente refratadas no corpo da escrita. O verbo ser ali utilizado parece fazer lembrar-nos que a essencialidade do literário constrói-se na sua relação com o ente que o engendra.

Importante também mencionar, por outro lado, que o poema é construído em torno de antíteses organizadas simetricamente em permanente tensão dialética: “desnudo / descubro / acho / cato” em oposição a “cantos escondidos / agachado”, “deságuo” contrapondo-se a “parados”, “esperança” a “sangue”, “ódio” a “amor”, “procura” a “agarra” e, finalmente, “negro” a “branco”.

Como podemos notar, as escolhas lexicais traduzem essa atmosfera de confronto, revelando, ainda, um certo estado de urgência e desassossego:

*A minha poesia / sou eu-fome-de-muitos*

*(...)*

*A minha poesia / um susto que pula no pescoço e procura / agarra esse medo  
/ esse medo que nos espreita na lapela do riso*

O argumento poético é construído, dessa maneira, em um crescendo cujo clímax só ocorrerá com a contundência de seu desfecho. Esse movimento ascendente vai sendo engendrado por uma estrutura poética que expressa uma dinâmica incessante marcada pela ausência de pontuação. Observamos, ainda, que o poeta dispensa rimas em suas formas mais tradicionais, optando por uma sonoridade construída pela marcação rítmica de alternância simétrica de sílabas tônicas e átonas de modo a estabelecer uma regularidade na cadência, como se percebe nos versos 1 a 24 e 31 a 41. As rupturas serão desenhadas ora pelo alongamento (versos 25 a 30) ora pelo abreviamento métrico (nos versos finais, 42 a 49), quando, então, constata-se uma ruptura rítmica radical, constituindo-se em elemento-chave na construção do significado. É nesse sentido que a heterogeneidade métrica marcará, paradoxalmente, a harmonia, feita de simetrias e assimetrias, de prosa e poesia.

Feitas essas considerações de caráter formal, entendemos que as escolhas apontam de maneira inequívoca para a contundência dos sentidos urdidos. Nesse sentido, deparamo-nos com um eu lírico que assume o papel de sujeito de sua história sem hesitações. Não pede licença, não abaixa a cabeça; ao contrário, reivindica seu espaço: “a minha poesia sou eu que me desnudo” / “me descubro”, trazendo à luz o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que estava forçosamente ocultado. Assim, a luta cotidiana e concreta do negro na sociedade brasileira confunde-se com a reivindicação no âmbito do fazer literário: o eu lírico surge como protagonista de sua escritura, que será impregnada por suas próprias experiências.

Como mencionado, “Ela” parte de um eu lírico que busca a si mesmo buscando seu poema e, nessa trajetória, vai construindo-o até desaguar em um coletivo do qual o indivíduo não se aparta e por ele é introjetado: esse “eu-nós” que resulta da história vivenciada é que se insurgirá contra o outro que o oprime.

Os aspectos formais, como assonâncias, rimas, aliterações, escolhas lexicais sublinham de forma expressiva o embate do homem negro frente ao mundo branco, o confronto entre o que está significado e o que quer significar e construir. A escrita surge, assim, como o espaço da resistência: uma alternativa ao modo de construir o mundo e de significá-lo.

O eu lírico, por outro lado, abandona a visão vitimizada do negro e sua história, sem, no entanto, escamoteá-la. Usa essa experiência como instrumento de luta e de resgate de sua força e de seu potencial. A vida perpassa o plano da escrita, constituído como espaço da redenção. Ante a violência do cotidiano (fome, punhais, sangue, sombras), surge a esperança que o verbo e a voz trazem consigo (“sangue vivo / das palavras”). O sangue deixa de ser derramado para ser metaforicamente compreendido como vida que pulsa: são os impulsos de Eros, de conceituação psicanalítica, projetando a vida e sua energia.

A pulsão vital de preservação ultrapassa os limites permitidos ao negro, que se nega, nessa medida, a assumir seu papel subalternizado, apropriando-se da poesia e apoderando-se da palavra para dela fazer uso próprio e ser voz de seu destino. Nesse enfrentamento evidenciado pela antítese movimento/imobilidade, os impulsos de Eros contrapõem-se aos impulsos de Tânatos – “sou eu rio que deságuo / nos teus olhos parados” –, indicando que o nó que se prende ao racismo só será desatado a partir desse confronto: ações convulsas e insubmissas, traduzindo desejos vorazes na ambivalência de “a minha poesia / sou eu-fome-de-muitos” em que o eu lírico pode tanto ser a síntese de um coletivo como a força que se alimenta de uma tradição de sofrimento para transformá-la na seiva que lhe dá vida.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Vale ainda mencionar, nessa instância, que a busca empreendida pelo eu lírico é articulada na clave positiva da certeza de seu lugar e papel na sociedade em oposição às ausências, carências, proibições e impedimentos impostos ao negro. Se no início do poema, há uma certa individualização, na trajetória que se desenha, o coletivo vai se impondo, fone de muitos, fazendo com que o indivíduo pulverize-se e, nessa dispersão, desate nós que se transmudam na voz coletiva de todos os negros.

É nesse momento (7ª estrofe), que o "eu" e "nós" fundem-se também à própria poesia, que se define, categoricamente, como espaço da resistência: a poesia pula, procura, agarra o medo e a opressão em jogo antitético: é poesia feita de contrários – amor e ódio, falsa e pura, concreto da violência e o abstrato da alma (soul).

Vemos que a poesia não apazigua sentimentos; antes, faz com que aflorem: pode ser o caminho da cura e da redenção de um passado de dor e humilhação à medida que for alimentada pelo ressentimento entendido como força motriz da existência. É a memória que mobiliza e resgata a vida, reelaborando-a.

A busca, então, atinge seu ápice na última estrofe, em que a ética pretendida traduz-se perfeitamente à estética engendrada. À anáfora final (“a minha poesia”), segue-se outra construção anafórica (“é som / é sã / é-sou / é soul”) que enfatiza o seu lugar definitivo num jogo de entrelaçamentos semânticos refratados na sonoridade urdida e pontuados pela força dos monossílabos tônicos, desaguando na junção da complementaridade das ideias expressas pelo substantivo “samba” e pelo verbo “bater” – referências ao universo negro: o eu lírico coloca-se como sujeito no espaço social e literário privilegiado pelo branco. Nesse encontro inverte-se a equação histórica: o peso da chibata recai agora sobre o couro branco. A violência do desfecho é ainda sublinhada no plano das sonoridades pelo uso das oclusivas e fricativas, reforçando a ideia de que não há mediação possível. O espaço da literatura – como mencionado, espaço privilegiado do universo branco – será espelho do espaço social: conquistado apenas com a violência que subjaz à ação.

Como pretendíamos demonstrar, acreditamos que com a introdução de obras e autores negros brasileiros, e Cuti é um caso exemplar, reformular-se-á a univocidade presente no ensino da literatura vigente. Abre-se o ensino a uma plurivocidade discursiva com relatos que buscam diálogo com outros relatos,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

constituindo um espaço de debate, de confronto, além de quebrar a hegemonia dos códigos dominantes do cânone estabelecido.

Como afirma Benjamin Abdala Jr. (2003, p. 37),

nas configurações históricas, entre a redução dominante e seu pólo diferente, de abertura ao diverso, forma-se um horizonte macrocontextual. Lá estão os sistemas de expectativas dos autores e dos leitores e a matéria discursiva dos múltiplos campos sêmicos do trabalho humano. Entre um pólo e outro há uma matéria viva de que a história da literatura precisa dar conta, a partir do estudo dos próprios textos, verificando a historicidade de suas formas, ou, como mostram os procedimentos críticos de Antonio Candido, verificando como os fatores externos interiorizam-se no texto literário.

O estudante poderá, desta forma, interpretar o presente, evocando o passado. Através da comparação, efetivada pela leitura de universos múltiplos e plurais, estão dadas as condições para que se estabeleça, assim, um diálogo entre a memória e o tempo presente, possibilitando a construção da cidadania almejada

É nessa medida que o ensino dessas literaturas explicita um compromisso ético que busca contribuir para a produção de novas subjetividades e identidades e de suas imagens: o leitor destinatário de toda criação literária é também introjetado pela obra que a ele se dirige, convertendo-se em texto e tomando a feição de um sujeito com o qual se estabelece um diálogo latente mas necessário. Ou seja, produção e recepção de texto são operações das quais a ideologia não se ausenta.

## BIBLIOGRAFIA

ABDALA JR, B. *De vôos e ilhas – literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BERND, Z. *Poesia Negra Brasileira – Antologia*. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992

BERND, Z. *Introdução à literatura Negra*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1988.

CUTI (Luiz Silva). *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CUTI (Luiz Silva). *Negroesia* (antologia poética). Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

DUARTE, E. A. “Literatura afro-brasileira um conceito em construção”. (texto consultado no site <http://www.letras.ufmg.br/literafro/afrodescendenciaseduardo.pdf> em 24 de abril de 2011)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

FONSECA, M. Z. “Literatura Negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?” In: SOUZA, F. & LIMA, M. N.(org). *Literatura afro-brasileira*. Brasília; Fundação Cultural Palmares, 2006.

FREIRE, P. & MACEDO, D. *Alfabetização – leitura do mundo/leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

IANNI, O. “Literatura e consciência” In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 1988.

ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998

SOUZA, F. S. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CADERNOS NEGROS. São Paulo: Ed. dos autores/Quilombhoje. 1978-2008